

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

**SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL - PDE**

**Ficha de Identificação - Artigo Final
Professor PDE - 2016**

Título: PAISAGENS DA ESCOLA: REGISTROS FOTOGRÁFICOS E GRÁFICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO OLHAR DE ALUNOS DE UM 6º ANO DE ENSINO FUNDAMENTAL

Autor	ROSI MARA NUCINI GENTIL
Disciplina/Área (ingresso no PDE)	ARTE
Escola de Implementação do Projeto e sua localização	COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ PAVAN
Município da escola	JACAREZINHO - PR.
Núcleo Regional de Educação	JACAREZINHO - PR.
Professor Orientador	PROFA. DRA. MARIA IRENE PELLEGRINO DE OLIVEIRA SOUZA
Instituição de Ensino Superior	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA - UEL

Resumo: O presente artigo resultou de um projeto de intervenção, o qual teve como objetivo despertar nos alunos do 6º ano o interesse pela leitura de imagens, por meio de registros fotográficos visando o desenvolvimento do olhar mais atento para o que está ao redor. Sabe-se que a escola tem a preocupação de ensinar para atender as necessidades dos alunos com o intuito de prepará-los para atuar no mundo em que vivem. Nesse sentido entende-se que ensinar a ler e interpretar uma imagem é função da escola, a qual pode desenvolver esta ação incentivando o aluno a construir sua opinião sobre aquilo que está vendo, bem como interpretar e ampliar as diversas formas de olhar. Assim o sujeito cria condições de se tornar um agente transformador do seu meio e estabelecer sua participação ativa na construção de uma sociedade mais livre no que se refere aos efeitos estéticos e percepção de novos valores. A leitura de imagens e o desenvolvimento do olhar serão a essência desta Unidade Didática que tem como objetivo sensibilizar o olhar dos alunos do 6º anos com atividades envolvendo a fotografia, que na atualidade é um recurso muito interessante para ser utilizado em sala de aula. Considerando que a leitura de imagens faz parte do cotidiano dos alunos é importante que estes possam perceber suas representações e interpretá-las de maneira correta, sendo assim é necessário despertar nos alunos o gosto pelo trabalho com leitura de imagens, sendo não mais um recurso para se alcançar a aprendizagem, mas direcionar o olhar para que possamos aprender um pouco mais que informações que as imagens nos trazem, nos apresentam o que elas querem nos dizer.

Palavras-chave: Olhar sensível. Imagens do cotidiano. Fotografia. Aprendizado

PAISAGENS DA ESCOLA: REGISTROS FOTOGRÁFICOS E GRÁFICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO OLHAR DE ALUNOS DE UM 6º ANO DE ENSINO FUNDAMENTAL¹

Rosi Mara Nucini Gentil ²

Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza³

Resumo: O presente artigo resultou de um projeto de intervenção, o qual teve como objetivo despertar nos alunos do 6º ano o interesse pela leitura de imagens, por meio de registros fotográficos visando o desenvolvimento do olhar mais atento para o que está ao redor. Sabe-se que a escola tem a preocupação de ensinar para atender as necessidades dos alunos com o intuito de prepará-los para atuar no mundo em que vivem. Nesse sentido entende-se que ensinar a ler e interpretar uma imagem é função da escola, a qual pode desenvolver esta ação incentivando o aluno a construir sua opinião sobre aquilo que está vendo, bem como interpretar e ampliar as diversas formas de olhar. Assim o sujeito cria condições de se tornar um agente transformador do seu meio e estabelecer sua participação ativa na construção de uma sociedade mais livre no que se refere aos efeitos estéticos e percepção de novos valores. A leitura de imagens e o desenvolvimento do olhar serão a essência desta Unidade Didática que tem como objetivo sensibilizar o olhar dos alunos do 6º anos com atividades envolvendo a fotografia, que na atualidade é um recurso muito interessante para ser utilizado em sala de aula. Considerando que a leitura de imagens faz parte do cotidiano dos alunos é importante que estes possam perceber suas representações e interpretá-las de maneira correta, sendo assim é necessário despertar nos alunos o gosto pelo trabalho com leitura de imagens, sendo não mais um recurso para se alcançar a aprendizagem, mas direcionar o olhar para que possamos aprender um pouco mais que informações que as imagens nos trazem, nos apresentam o que elas querem nos dizer.

Palavras-chave: Olhar sensível. Imagens do cotidiano. Fotografia. Aprendizado

INTRODUÇÃO

A existência de diversos problemas em relação à periferia da cidade, onde o projeto de intervenção foi implementado, torna visível os costumes e modos de agir de sua população. O baixo poder aquisitivo e os problemas familiares afetam nossos alunos de uma forma bastante depreciativa, o que evidência neles certa falta de cuidado com os equipamentos pertencentes à escola, materiais diversos e cuidados pessoais, por isso a escola passa a ser desrespeitada, proporcionando um ambiente desagradável e pouco acolhedor. Nesse contexto pretende-se estimular a leitura de imagens do cotidiano dos alunos visando o desenvolvimento do olhar, bem como desenvolver estratégias

¹ O presente artigo trata da conclusão do projeto de intervenção na escola, sendo uma parte obrigatória do Programa de Desenvolvimento Educacional.

² Professora PDE 2016, atua na Rede Estadual de Ensino no município de Jacarezinho.

³ Professora do departamento de Arte Visual da UEL e orientadora deste artigo.

pelas quais os alunos possam observar e interpretar as imagens de modo particular, observando as possibilidades da escola de estimular diferentes tipos de olhar para que os alunos vejam a escola por um ângulo que nunca viram.

Diante desse contexto os alunos praticam ações de vandalismo, o que acaba criando situações de conflito constante. É fundamental que os alunos compreendam que esta situação interfere no próprio desenvolvimento acadêmico e no aprendizado, sendo que a escola deveria ser vista como um bem maior, o local onde o conhecimento está presente e possibilita aos seus educandos o crescimento e a construção da cidadania. Na verdade, para esses alunos a escola é o único local onde eles têm acesso aos bens culturais.

Assim nasce a necessidade de mostrar aos alunos que a escola sofre danificações físicas por conta do tempo, mas principalmente pela falta de cuidados e desrespeito da parte deles em relação ao espaço físico. Por este projeto propõe ações que visam conscientizar os alunos sobre a importância de preservar este ambiente.

As imagens estão por toda parte, e a todo instante somos surpreendidos por elas, seja em casa, no trabalho, na escola, nas ruas, imagens sedutoras que buscam influenciar o comportamento dos indivíduos, o que torna a leitura de imagens uma necessidade para que se possa compreender e decodificar estes símbolos que afetam a vida cotidiana.

Considerando que a leitura de imagens faz parte destas modificações e também do cotidiano dos alunos é importante que estes possam perceber suas representações e interpretá-las de maneira correta, sendo assim é necessário despertar nos alunos o gosto pelo trabalho com leitura de imagens, sendo não mais um recurso para se alcançar a aprendizagem, mas direcionar o olhar para que possamos aprender um pouco mais e compreender as informações que as imagens nos trazem, nos apresentam, enfim, o que elas querem nos dizer.

Quando se fala em registro fotográfico na escola os alunos percebem estas imagens do passado, como registros, lembranças boas ou ruins, onde o fotógrafo não tem relação com os acontecimentos, desconhecendo que a fotografia é uma construção elaborada por um ser de natureza simbólica, o homem, que tem seu acesso ao mundo mediado sempre por signos diversos.

Assim, o desafio passa a ser auxiliar alunos e alunas a perceberem que a imagem fotográfica é obra pensada e elaborada pelo fotógrafo ou artista que

a compõe a partir de suas referências pessoais, profissionais, sociais e culturais, em um processo muito mais amplo do que a mera operação técnica do aparelho e que será recebida pelo fruidor, que também carrega sua própria bagagem cultural.

Assim, os alunos se tornarão os fotógrafos e tentarão aguçar o olhar para que possam perceber e valorizar as coisas boas que a escola apresenta e preservá-las e, quando encontrarem coisas ruins, consigam buscar meios de modificá-las para que se tornem boas também.

A civilização da imagem na qual estamos inseridos nos leva a sofrer verdadeiros bombardeios, apelos de cores saturadas, imagens a envolver nosso olhar de tal modo que a cultura visual nos obriga a parar e refletir a seu respeito. Entretanto, esta cultura não é nova, pois o homem, desde seus primórdios busca maneiras de se expressar. É interessante que a escrita não foi a primeira forma para que isto acontecesse, de acordo com Barrozo (2011), e a prova disto são as pinturas rupestres encontradas nas cavernas da Serra da Capivara, no Brasil, por exemplo, o que assevera que desde aquela época já se utilizava as imagens para registrar os fatos, ideias e acontecimentos marcante de determinadas comunidades.

Para Barbosa (1998, p. 17) as imagens afetam a vida de todos:

Em nossa vida diária estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo o tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens.

Pensar nas imagens como meras ilustrações seria um engano grotesco, pois tais elementos visuais estão carregados de informações sobre nossa cultura e o mundo em que vivemos. As imagens estão carregadas de intenções e, por isso, também podem ensinar.

Dentre estas imagens encontram-se as imagens fotográficas, que de acordo com Alves et al (2008, p. 02):

Que nos apresenta a imagem fotográfica como uma coletânea de histórias intrincadas e inter-relacionadas da humanidade, reconhecemos esta imagem como uma via de acesso a nós mesmos e ao outro, considerando seu potencial como fonte na produção de conteúdos, de sentidos e significados, como documento histórico e meio expressivo. Um tipo de imagem que abre grande leque de opções de circulação na escola, o que nem sempre ocorre.

A disciplina de Artes, com o conteúdo de Artes Visuais, oferece grandes contribuições para a leitura de imagens no contexto escolar, não havendo necessidade de destinar um espaço físico específico para tanto, pois ela se desenvolve ao longo do processo educativo. A importância da inserção da Leitura de Imagem na escola tem sido amplamente discutida por diversos teóricos que apresentam estratégias metodológicas para esse fim. Nossos alunos já desfrutam de experiência visual antes mesmo de entrar na escola (Lanier, 2001). Desfrutar de experiências visuais é um fato, mas apenas desfrutar de experiência visual não é garantia de estarem compreendendo o que estão lendo ou que já tenham uma habilidade crítico-reflexivo bem desenvolvida.

A IMPORTÂNCIA DO OLHAR ATENTO

A imagem ocupa um espaço considerável no cotidiano do homem contemporâneo, estando presente em livros, revistas, internet, cinema, vídeo, tevê, citando apenas os mais comuns, sendo produzidas á exaustão e diante de olhares de passagem.

No entanto, faz-se necessário uma tomada de consciência dessa presença das imagens para que as mesmas passem a ter uma relação significativa, sobre este assunto Buoro (2002, p. 34), salienta que:

Espectadores, frequentemente passivos, temos por habito consumir toda e qualquer produção imagética, sem tempo para deter ela um olhar mais reflexivo, o qual a inclua e considere como texto visual visível e, portanto, como linguagem significante.

Para tanto, o professor deve instigar um olhar curioso, com o qual os alunos tenham a oportunidade de descobrir além das imagens, mas aquilo que é significativo, através da educação do olhar.

Tiburi (2004, s/p), traduz este complexo pressuposto da seguinte forma, “a lentidão é do olhar, a rapidez é própria ao ver. O olhar é feito de mediações próprias à temporalidade. Ele sempre se dá no tempo, mesmo que nos remeta a um além do tempo”. Deste modo ver, não nos dá a medida de nenhuma temporalidade, tal o modo instantâneo com que o realizamos. Ver não nos faz pensar, ver nos choca ou nem sequer nos atinge.

As mediações do olhar, por sua vez, colocam-no no registro do corpo: no olhar – ao olhar – vejo algo, mas já vitimado por tudo o que atrapalha minha atenção retirando-a da espécie sintética do ver e registrando a num gesto analítico que me faz passear por entre estilhaços e fragmentos a compor – em algum momento – um todo. O olhar mostra que não é fácil ver e que é preciso ver, ainda que pareça impossível, pois no olhar o objeto visto aparece em seus estilhaços de ser e só com muito custo é que se recupera para ele a síntese que nos possibilita reconstruir o objeto. É como se depois de ver fosse necessário olhar, para então, novamente ver. Há, assim, uma dinâmica, um movimento – podemos dizer – um ritmo em um processo de olhar-ver. Ver e olhar se complementam, são dois movimentos do mesmo gesto que envolve sensibilidade e atenção.

Para que esse olhar sensível seja cultivado e cumpra sua função de abrir as portas para uma abordagem mais significativa da leitura da obra de arte, o professor deve trabalhar-se e ser trabalhado, com a finalidade de perceber o objeto artístico também como sujeito de ações perante os olhos leitores e não apenas como objeto fixo, imóvel, receptáculo passivo de nossas impressões. São os olhos leitores que colocam a obra em movimento.

De acordo com Buoro (2002, p. 127/128) é necessário disponibilizar imagens para que os alunos possam aguçar seus olhares leitores em seis momentos distintos:

- Num primeiro momento, eles aprendem a descreve-las criteriosamente, a fim de que resgatem um olhar mais atento e sensível;
- No momento posterior, partem para a descoberta de percursos visuais sobre a imagem, percebendo toda a estruturação da composição e

possibilitando o afloramento de questões e significações pertinentes e imanentes ao texto visual;

- No momento seguinte, os alunos percebem as relações entre a obra focalizada e a produção anterior e posterior a esta realizada pelo artista produtor;

- Depois, os olhos leitores tentam aproximar-se mais do significado do texto visual, sendo então convidado a sair em busca das respostas que surgirão nesse processo e que permaneceram até então suspensas. Esse momento é de pesquisar, entrar em contato com os textos das Histórias da Arte, de críticos de arte, artigos, ensaios, contexto históricos, etc., sempre tentando encontrar repostas para as perguntas que brotaram do texto visual em análise;

- A seguir, colocamos a obra lida em diálogo com a produção artística, tanto diacrônica – isto é, posta na linha do tempo -, quanto sincrônica – das relações entre produção artísticas daquele momento histórico específico;

- Por fim, um texto verbal deve ser construído, como registro do percurso empreendido, o qual abarque a significação do texto visual lido.

Diante do exposto acima ao professor cabe a função de provocar nos alunos para olhar/ver/perceber aquilo que está visível e também oculto nas imagens e que pode ser utilizado na construção dos sentidos. Buscar encontrar as questões em torno das obras, das ideias do artista, das pesquisas por ele desenvolvidas, das perguntas que ele fez e nos faz, é apostar que através do olhar, que busca o ver, algo se descortine. E, nesse sentido, é importante destacar o olhar para além do aspecto físico, mas, principalmente, como uma ação humana subjetiva, psicológica e cultural (JONHANN; RORATTO, 2010).

Ainda de acordo com Jonhann e Roratto, (2010), o olhar é também cultural, podemos ensinar a olhar, na medida em que proporcionamos experiências de visualidades que intencionem a observação, o estranhamento e a conexão com ideias e pensamentos. Aprendemos a olhar em diferentes contextos e nesse sentido a tarefa de mediação cumpre sua função quando desinstala o olhar da ordem do cotidiano e conecta com o campo da arte e da cultura, proporcionando a experiência estética que é transgressora, radical e poética.

A leitura de imagens na escola

A leitura de imagens, como alfabetização estética, tem como pressuposto estimular o aluno a aprender a ler, interpretar o mundo que o rodeia, para que esse possa posicionar-se criticamente sobre os fatos e realidades a sua volta.

Freire (1996, p. 08) faz um posicionamento a respeito do ato de aprender a ler:

Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

Diante desse contexto, o primeiro mundo a ser descoberto e aprendido pela criança de acordo com Pillar (2006) é o da família, a casa onde moramos, o quintal onde brincamos, a pracinha, o bairro onde vivemos, a cidade, o estado, o país. Tudo isso marcado fortemente por nosso lugar social, nossa origem social. E, ao buscar compreender, estamos fazendo leituras desse mundo. Leitura crítica prazerosa, envolvente, significativa, desafiadora. Leitura, que inserida num contexto social e econômico, é de natureza educativa e política, pois nossa maneira de ver o mundo é modelada por questões de poder, por questões ideológicas.

Diante disto, a educação em arte torna-se muito mais necessária, para que possa ajudar os alunos a compreender e adquirir os conhecimentos que as imagens podem trazer. Segundo Rossi (2003, p. 09), “todo o aluno deve ter a oportunidade de interpretar os símbolos da arte, pois a dimensão estética é constituída do potencial humano”.

A maioria das informações que o aluno recebe chegam através de imagens, algo produzido, inclusive, pela saturação delas. A este respeito, Barbosa (1999) salienta que a leitura de imagem nas escolas serviria de base para que os alunos pudessem compreender a gramática visual de qualquer imagem, artística ou não, nas aulas de arte, ou no cotidiano, e que torná-los conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-

los para compreender e avaliar todo o tipo de imagem, conscientizando-os do que estão aprendendo com estas imagens.

Ainda sobre o aprendizado que se caracteriza com a leitura de imagem Barbosa (2008, p.81) salienta que “compreender uma imagem implica ver construtivamente a articulação de seus elementos, suas tonalidades, suas linhas e volumes”, onde o aluno pode apreciar a arte em toda a sua pluralidade.

A linguagem fotográfica e sua relevância nos exercícios do olhar

A linguagem fotográfica tem o poder de gerar em quem observa uma fotografia dupla sensação, a de colocar o observador frente a algo que, ao mesmo tempo, está e não está ligado á realidade.

De acordo com Andrade (2002, p. 42):

Uma fotografia é um pacote de informações na medida em que nos fornece dados sobre os lugares, as pessoas, as épocas e os acontecimentos. É neste sentido que ela ganha um grande valor como registro histórico e, mais radicalmente, como documento de comprovação dos fatos.

O contexto da imagem como pacote de informação, esta arraigado em nossa cultura, pois a ideia de aproximação da fotografia com a realidade é muito forte. Vive-se em um mundo onde o olhar foi construído como o sentido mais adequado para conhecer as coisas, e nele a fotografia foi recebida como expressão plena, indiscutível e definitiva de um real imaginado.

Quando se fala sobre a visão que se tem do mundo através da fotografia Chauí (1998, p. 33) traz a seguinte constatação:

A constituição do olhar como o sentido da realidade é algo que aparece em nossa linguagem cotidiana, em nossas expressões como: ponto de vista, perspectiva, sem sombra de dúvida, ter ou não ter a ver, visões de mundo, quando nos diferenciamos entre lúcidos e alucinados, iluminados e sombrios. A primazia do olhar molda nossa linguagem e nossa forma de pensar o mundo, nessa lógica, conhecer é clarear a vista.

É necessário que os alunos aprendam a olhar as fotografias para que possam compreender além das aparências, que possam sentir e compreender o verdadeiro significado por trás das imagens.

Percurso das experiências e vivências culturais

O trabalho de intervenção pedagógica proposto pelo projeto "paisagens da escola: registros fotográficos e gráficos para o desenvolvimento do olhar de alunos de um 6º ano do ensino fundamental", através do PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná considera que todos os docentes que dele participam devam realizar uma pesquisa no contexto escolar, baseada em um problema a ser solucionado em sala de aula.

Dentre as formas de pesquisas qualitativas, a pesquisa-ação possui grandes possibilidades de aplicação, contribuindo em diversas áreas, como, por exemplo, a escolar. Thiollent (2008) afirma que a pesquisa-ação é um método ou uma estratégia de pesquisa que agrega várias técnicas da pesquisa social, com as quais é estabelecida uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível da captação da informação.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2008, p. 14).

Para desenvolver esta pesquisa e alcançar os objetivos é necessário, desenvolver com os alunos o olhar pessoal, porque o olhar deles é desatento e rápido, sendo um olhar superficial.

Para iniciar o desenvolvimento das atividades foram realizados exercícios de sensibilização dos alunos, posteriormente houve a apresentação do projeto, esclarecendo como seria o desenvolvimento das atividades e o processo de avaliação o qual ocorreu por meio de portfólio, que direcionou os alunos a registrarem as observações no decorrer dos trabalhos propostos e a partir das percepções refletirem sobre as mesmas. O trabalho de registro das

atividades foram feitas durante as atividades, conforme a necessidade de cada aluno.

A primeira proposta teve início com a apresentação do projeto aos alunos e explicação de como as atividades iriam acontecer.

No primeiro momento os alunos demonstraram certo desinteresse, percebi a imaturidade deles e as dificuldades que tiveram para interagir com o conteúdo. Outra dificuldade encontrada já no início da implementação foi a falta de recursos como o fato de nem todos os alunos terem celular, já que esse é um dos principais recursos a serem utilizados pelos alunos.

Num segundo momento mostrei aos alunos algumas fotos que tirei da escola, propondo uma análise da situação que estavam presenciando e como a realidade da nossa escola poderia ser mudada, quais ações caberiam para impedir que a estrutura do prédio pudesse se deteriorar ainda mais, também procurei abrir uma discussão sobre como essas deteriorações poderiam ter sido evitadas.





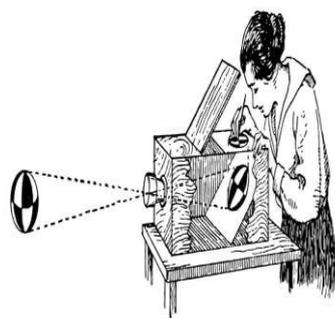
Após toda essa discussão e reflexão a respeito do estado físico da escola a proposta passou a ser executada de forma prática. Os alunos fizeram o recorte das imagens, utilizando molduras retangulares feitas com papel cartão pretos. Essa atividade foi realizada em grupo e enquanto um aluno observou o outro escreveu e posteriormente os papeis se inverteram. Os alunos fizeram diversas anotações e a partir daí criaram um desenho para retratar as reais condições estéticas da escola. Os alunos no dia a dia nem percebem o que acontece a sua volta, pois olham rapidamente a se locomoverem pelo pátio e salas de aula, mas ao analisar com calma as fotos e todos os detalhes das depreciações ocorridas no ambiente escolar, os alunos demonstraram sensibilidade e interesse por uma escola mais apresentável.

Na segunda proposta os alunos utilizaram máquinas ou celulares para fotografar o que mais chamavam a atenção, tanto situações positivas como negativas, no decorrer dessa ação alguns alunos não tiveram um bom comportamento e por isso houve alguns conflitos entre colegas, o que acabou prejudicando o resultado esperado para tal atividade. Após tirar algumas fotos os alunos voltaram para a sala de aula e tudo se restabeleceu. Ai deu-se início a projeção das imagens em um datashow para uma análise detalhada, sendo que os alunos observaram como o local se encontrava, por qual razão isso aconteceu, poderia estar de outra forma e o que poderia ser feito para melhorar. Após as discussões e reflexões em relação ao tema, os alunos

selecionaram diversas fotos para a confecção de um mural para a exposição do material coletado e os comentários feitos pelos alunos.



A terceira proposta iniciou com a apresentação do vídeo "História da fotografia" para a ampliação dos conhecimentos sobre o tema, mostrando aos alunos que a fotografia é um meio de interromper o tempo que será registrado em um papel fotográfico, lembrando que a fotografia congela o tempo eternizando o momento. Os alunos assistiram a um vídeo de como se constrói uma câmara escura. Foi levada uma câmara escura para a sala de aula e explicado como este trabalho foi realizado, também houve uma demonstração de como a câmara escura funciona. O desenvolvimento dessa atividade foi bem interessante, os alunos participaram com entusiasmo e demonstraram interesse pelo objeto, puderam manuseá-lo e compreender suas funções. Percebi que nessa atividade os alunos absorveram os conteúdos de uma forma significativa e contextualizada.



Camara escura



A atividade quatro aconteceu de uma forma mais sistematizada, os alunos escolheram uma foto dentre as muitas que produziram e fizeram uma análise do que estavam vendo, após a observação realizaram um desenho relacionado com as imagens apresentadas e produziram um texto destacando os aspectos positivos e negativos, ampliando sua visão em relação ao contexto atual da escola. Os alunos foram questionados sobre as fotos que escolheram e após debater sobre o assunto, perceberam que pode-se ter uma escola melhor e mais bonita, principalmente se houver colaboração de todos. Tornando a escola um ambiente agradável e prazeroso, onde o aluno possa receber os conhecimentos, assim como relacionamentos que contribuam para sua formação enquanto cidadão. Nessa atividade houve certa resistência por parte dos alunos, já que não gostam de atividades escritas, no entanto, os trabalhos foram realizados com êxito. Os alunos se envolveram, realizaram as atividades propostas e compreenderam a importância de se conservar ou mudar o ambiente escolar. Pode-se perceber também uma grande interação entre os alunos, o que possibilitou um trabalho em conjunto e a troca de experiências entre eles.

Relato do aluno x: *O colégio José Pavan é grande. Tem 3 blocos e 1 quadra, no 1º bloco é o corredor das salas junto com o pátio e a biblioteca , o 2º bloco é a cantina com as salas de aula do ensino médio, e o 3º bloco é os banheiros feminino e masculino, sala das pedagogas, sala dos professores, sala de informática e a secretária. Ele fica na rua Amazonas, vila São Pedro,*

Jacarezinho, Paraná, por ele ser um colégio muito antigo, esta precisando de uma reforma, por exemplo: uma pintura, arrumar os forros, o telhado, trocar de piso, reformar os banheiros, o teto da quadra, o jardim, a secretária e limpar em volta da escola, porque tem muito mato.

O meu sentimento é de tristeza, por ser um colégio grande deveria ser bem cuidado pelos alunos e pelo governo, mas não adianta o governo fazer a reforma e os alunos destruir.

Aluno Y: minha escola fica bem perto da minha casa, ela fica umas três esquinas longe só.

Eu acho ela bonita, mas está um pouco deteriorada, porque é bem antiga mas eu gosto muito, tem algumas salas que chove dentro, algumas rachaduras, cupim, também tem telhas quebradas e portas estragadas.

Eu sempre quis estudar no José Pavan desde o 4º ano. Eu gosto muitode estudar aqui. A minha sala tem muitas goteiras, mas eu não ligo, eu gosto dela mesmo assim. O meu sentimento é de tristeza, porque os alunos destroem ela toda, descascando as paredes.

Aluno Z: O Colégio José Pavan fica na cidade de Jacarezinho na Vila São Pedro, na rua Amazonas, Colégio José Pavan tem três blocos e uma quadra.

O Colégio José Pavan é uma escola muito grande que tem pedagogas excelentes e um diretor que dirige o colégio muito bem, mais infelizmente o Colégio está precisando de algumas melhoras, por exemplo, as paredes estão precisando de uma nova pintura, tem algumas portas da sala de aula que estão sem fechadura, as carteiras e cadeiras estão sem condições, o teto não está muito bom, tem algumas janelas que estão quebradas, pois temos que fazer várias reformas.

Eu sinto que se o Colégio for reformado ele vai dar um sentimento de alegria e de felicidade aos alunos, o aprendizado é muito bom, mais se o colégio fosse reformado ficaria ainda melhor porque assim os alunos teriam mais vontade de aprender.

Na proposta de número cinco, foi apresentada aos alunos a história do lambe-lambe, mostrando que existem dois tipos de lambe-lambe, sendo que o primeiro é um tipo de fotografia, técnica, câmera e fotógrafo. O segundo é o

cartaz que se cola na rua, hoje em dia esse tipo e lambe-lambe é utilizado como uma forma e intervenção urbana. Nessa atividade foi trabalhado o segundo tipo, os alunos participaram das atividades e demonstraram interesse pelo conteúdo. O trabalho com o lambe-lambe proporcionou aos alunos maior interação com os colegas e compreensão dos conteúdos. Alguns alunos participaram menos e algumas vezes não concluíram as atividades, não levando a sério as atividades propostas. Porém a maioria dos alunos concluiu seus trabalhos e certamente ampliaram seus conhecimentos e sua visão de mundo. Após a apresentação do conteúdo os alunos puderam escolher as fotos que mais lhes chamaram a atenção e imprimiram em papel sulfite colorido, depois escolheram um lugar da escola para colar. Colaram as impressões na porta que estava estragada. As portas das salas de aula chamaram bastante a atenção dos alunos, nas fotos feitas posteriormente e na análise durante o passeio pela escola em busca de lugares para fotografar. De acordo com Buoro (2002) ao iniciar o trabalho com o conteúdo proposto, o professor já deve apresentar as imagens para que estas sejam explorada antes do conteúdo, já que a imagem como signo vem carregada de significado, por isso ela não deve ser apenas uma ilustração dentro do contexto de aprendizagem.

A leitura de imagem tem sua fundamentação na teoria semiótica greimasiana ou discursiva.

Conforme o autor citado acima:

O que a teoria greimasiana propõe ao educador é um modelo teórico para a construção de uma competência - um entre outros -, que o auxilie a interagir com a obra de arte como texto visual produzido por uma linguagem, a qual deve ser aprendida para ser por ele apreendida. (BUORO, 2002, p.237).

Essa proposta mostrou aos alunos que podemos mudar uma situação que nos incomoda de uma forma simples e em conjunto, já que todos participaram da colagem das impressões que revestiu a porta.



A sexta proposta teve como objetivo promover o espírito competitivo entre os alunos, com a organização de um concurso "Minha Escola mais bonita" de fotografias. Cada aluno fotografou aquilo que considera mais bonito dentro da escola, posteriormente as fotos foram reveladas e expostas no pátio. Alguns alunos se dispersaram no momento de fotografar e causaram tumulto no decorrer da ação, outros não fotografaram pelo fato de não possuir celular ou máquina fotográfica. Ainda assim a atividade pode ser realizada e agradou a maioria dos alunos. Houve momentos de cooperação em que alguns alunos se ajudaram e emprestaram seu celular para aqueles que não possuíam. Foi um momento de aprendizado não somente de conteúdos, mas também de cidadania. Em outro momento houve uma reflexão sobre as atividades e o que aconteceu no decorrer das mesmas, as discussões possibilitaram aos alunos perceberem que a cooperação entre eles deve estar presente em todos os momentos e que a aprendizagem não se dá somente dentro da sala de aula e

individualmente. A troca de experiências e a interação entre os alunos é uma forma muito rica de se aprender e ensinar.

A atividade de número sete se deu através da organização das fotos para a tão esperada exposição. Os alunos estavam ansiosos para mostrar seus trabalhos, fizeram um convite a todos da escola. Ao iniciar o evento, cada um falou brevemente o que tinha realizado explicando o que haviam fotografado, por que fotografou aquele local, o que inspirou essa escolha e quais eram os objetivos a serem alcançados. Esta atividade teve como objetivo envolver a todos os alunos no projeto desenvolvido, por isso após as apresentações houve um pequeno debate entre os alunos, apontando as ações possíveis para manter a nossa escola mais organizada e bonita. A participação de todos foi muito importante para a conscientização e interação com o meio em que os alunos estão inseridos.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que a escola tem como objetivo ampliar não só os conhecimentos científicos dos alunos, mas também ensinar conteúdos que possam melhorar sua atuação no meio em que vivem. Sendo assim entende-se que ensinar o aluno a olhar, perceber o que está a sua volta, faz parte dos ensinamentos escolares. Existem diversas formas de ensinar ao aluno a percepção visual.

O desenvolvimento da percepção visual do aluno depende do acesso que ele tem em relação às diversas experiências culturais. Quanto maior for o contato dos alunos com a leitura de imagem, teatros, visitas a museus e patrimônios culturais, maior será o desenvolvimento da sua percepção visual, o que certamente ampliará a forma de olhar e perceber do educando. Nossos alunos infelizmente não tem acesso a essas proposições estéticas, isso se deve aos aspectos sociais que influenciam suas vivência de forma que a escola pode ser o primeiro contato entre os alunos e a construção do olhar. Na escola o aluno pode aprender a ver as imagens e ao mesmo tempo ser estimulado a refletir e interpretar, construindo seu próprio gosto e compreendendo aquilo que está a sua volta.

O professor juntamente com o aluno deve descobrir novas formas de identificar os efeitos estéticos formando novos valores e diferentes experiências no desenvolvimento do conhecimento da arte. A escola tem sido a base para a

ampliação dos conhecimentos de arte, sendo que o trabalho desenvolvido despertou o interesse dos alunos, dando mais ênfase as atividades realizadas.

Quando o trabalho parte da realidade e das vivências estéticas do aluno atendendo suas necessidades, a apropriação dos conteúdos se torna mais efetiva, já que o objeto de estudo faz parte da sua cultura cotidiana.

O professor de Arte, além de conhecer a fundo os conteúdos presentes na disciplina, deve também preparar o aluno para que se transforme em um sujeito formador de opiniões e diante de tantas transformações, torna-se evidente a necessidade de buscar melhorias na educação escolar, sendo assim o ensino da Arte pode em alguns pontos contribuir para essas melhorias e ajudar o aluno no enfrentamento de muitas situações que preocupam os envolvidos na educação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. **Fotografia e Antropologia – olhares fora-dentro**. São Paulo: Edusp, 2002.

ALVES, J.F; SCHULTZE, A.M; BENTES, D.; BRANDÃO, C.M.M. **Fotografia e Educação**: Alguns Olhares do Saber e do Fazer. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008

BARBOSA, A. M. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998.

_____. **Arte-educação**: Leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. (Org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Editora Cortez, 4 ed., 2008.

_____. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARROZO, V. M. **Leitura de imagem no contexto escolar**. Universidade Metropolitana de Santos. Faculdade de Educação e Ciências Humanas. Licenciatura em Artes Visuais. Andradina, SP, 2011.

BUORO, A. B. **Olhos que pintam**: a leitura de imagem e o ensino da arte. São Paulo: Educ/Fapesp, Cortez, 2002.

CHAUI, M. **Janela da alma espelho do mundo**. In: O olhar. NOVAES, Adauto (Org.) São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

JOHANN, M.R; RORATTO, L.J.B. **A dimensão educativa da mediação artística e cultural:** a construção do conhecimento através da apreciação na presença da obra. Programa de Pós Graduação, Pesquisa e Extensão da Unijuí – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. 2010.

LANIER, V. **Devolvendo Arte à Arte-Educação.** in BARBOSA, A. M. (org). Arte-Educação: Leitura no Subsolo. São Paulo, Cortez, 2001.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Artes. Governo do Paraná.** Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Departamento de Educação Básica. Curitiba, PR, 2008.

PILLAR, A. D. (Org.). **A Educação do Olhar no ensino das artes.** Porto Alegre: Editora Mediação, 4 ed., 2006.

ROSSI, M. H. W. **Imagens que falam: leitura da arte na escola.** Porto Alegre: Mediação, 2003.

TIBURI, M. **Aprender a pensar é descobrir o olhar.** Artigo originalmente publicado pelo Jornal do Margs, edição 103, set./out. 2004.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2008.